



Tipo do Artigo (Revisão)

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR E SUA CONTRIBUIÇÃO NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL DE PACIENTES HOSPITALIZADOS

Loana Rodrigues Restofe^{1*}, Santiago Adorno Naves², Rogério Ferreira Gonçalves³.

Afiliação 1: Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO), Goianésia, Brasil

Afiliação 2: Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO), Goianésia, Brasil

Afiliação 3: Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO), Goianésia, Brasil

* Autor correspondente: psicoloana@gmail.com

Resumo

O artigo visa discutir a atuação do psicólogo hospitalar na promoção da saúde mental de pacientes em processo de hospitalização, considerando os aspectos psicológicos desencadeados diante de diagnósticos inesperados, condições clínicas graves, cirurgias de alto risco e do falecimento de entes queridos. Tais situações podem provocar intenso sofrimento psíquico, tanto nos pacientes quanto em seus familiares, evidenciando a necessidade de acompanhamento psicológico no contexto hospitalar. Nesse sentido, o estudo busca apresentar as contribuições da Psicologia Hospitalar para a assistência ao paciente hospitalizado, destacando o acolhimento, o suporte emocional e o acompanhamento psicológico oferecido aos pacientes e seus familiares como estratégias fundamentais para a promoção da saúde mental e do cuidado integral. Para tanto, adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: *Psicologia Hospitalar; Adoecimento; Saúde Mental; Paciente Hospitalizado*

1. INTRODUÇÃO

O processo de adoecimento e hospitalização demanda cuidados que transcendem as manifestações clínicas da enfermidade, abrangendo também a atenção à saúde mental em decorrência do sofrimento psíquico associado à hospitalização. Nesse contexto, evidencia-se a importância do suporte psicológico como estratégia fundamental para o enfrentamento das repercussões emocionais vivenciadas durante esse período.

Considerando que todos os indivíduos que acessam os serviços de saúde têm o direito de ter suas demandas e necessidades reconhecidas, torna-se fundamental que recebam uma resposta adequada às suas condições. Essa resposta nem sempre se traduz na prescrição de medicamentos ou na realização de exames e procedimentos, podendo ocorrer por meio do acolhimento, da escuta qualificada e da orientação, práticas essenciais para a promoção de um cuidado integral e humanizado (Brasil, 2013).

Conforme exposto, a assistência prestada nas instituições de saúde e no contexto hospitalar tem passado por importantes transformações ao longo dos anos, incluindo a ampliação do conceito de saúde. Nessa perspectiva, a saúde mental passa a ser reconhecida como dimensão indissociável da saúde física, compreendendo-se que ambas possuem igual relevância no cuidado integral ao indivíduo (Alves & Francisco, 2009).

É importante ressaltar que as demandas apresentadas pelo paciente no processo de hospitalização diferem das demandas apresentadas no tradicional consultório de psicologia, visto que a motivação e a forma de procura também não são semelhantes: na clínica, trata-se de demanda espontânea, enquanto no ambiente hospitalar o paciente está adoecido e hospitalizado, sendo assim, na maioria das vezes, o encaminhamento é realizado pela equipe multiprofissional, e não pelo paciente (Vieira, 2010).

A atuação do psicólogo no contexto hospitalar tem se consolidado como um componente essencial da assistência integral à saúde, sendo o psicólogo o profissional que desempenha um papel fundamental ao oferecer acolhimento qualificado, escuta ativa e validação das demandas emocionais apresentadas pelo paciente, favorecendo a expressão de sentimentos, angústias e estratégias de enfrentamento diante da condição clínica (Porto & Lustosa, 2010, p. 89).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Adotou-se como método a pesquisa bibliográfica, visando realizar um levantamento das produções existentes acerca da inserção dos profissionais da Psicologia que atuam no ambiente hospitalar. Foi utilizado material para embasamento teórico-científico. As bases de dados utilizadas foram: Google Acadêmico e Periódicos CAPES, por meio das palavras-chave: "Psicologia Hospitalar", "Saúde Mental", "Paciente Hospitalizado", "Adoecimento" e "Aspectos Psicológicos do Paciente Hospitalizado".

Para as buscas nas bases de dados, foram incluídos artigos científicos fundamentados em estudos comprovados e livros publicados em língua portuguesa, no período de 2000 a 2025. Como critérios de exclusão, foram considerados artigos e publicações sem comprovação científica.

3. RESULTADOS

A atuação do psicólogo no contexto hospitalar tem como objetivo reconhecer o sofrimento decorrente da hospitalização e assim minimizá-lo, não com a finalidade de impedir que o indivíduo vivencie as emoções inerentes ao processo de adoecimento e à possibilidade de morte, mas de oferecer acolhimento, escuta qualificada e suporte para o manejo dessas experiências emocionais, contribuindo para a preservação da saúde mental do paciente (Porto & Lustosa, 2010).

Entretanto, essa modalidade de assistência nem sempre esteve presente nas instituições hospitalares. Com o avanço das políticas públicas de saúde, passou-se a reconhecer o sofrimento psíquico decorrente da hospitalização e a necessidade da inserção do suporte psicológico como componente essencial do cuidado ao paciente.

Desde a década de 1940, as políticas de saúde no Brasil concentravam-se no modelo hospitalocêntrico, de caráter clínico-assistencial, com ênfase na atenção secundária e menor investimento nas ações voltadas à saúde coletiva. Nesse contexto, o hospital consolidou-se como o principal espaço de assistência à saúde, característica que ainda exerce influência sobre a organização do sistema de saúde brasileiro (Castro & Bornholdt, 2004).

Nesse cenário, é fundamental que as instituições hospitalares contem com equipes capacitadas para identificar demandas psicológicas, considerando que a experiência do adoecimento extrapola as manifestações físicas e envolve repercussões emocionais e subjetivas. A identificação precoce dessas demandas, especialmente no serviço de pronto-socorro, possibilita o encaminhamento oportuno ao psicólogo e a outros profissionais da equipe multiprofissional (Baptista & de Villemor-Amaral, 2019).

A saúde mental, por sua vez, está diretamente relacionada à capacidade do indivíduo de responder às demandas da vida, regular suas emoções e mobilizar recursos de enfrentamento diante das adversidades, aspectos frequentemente comprometidos durante o processo de adoecimento e hospitalização.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o conceito de saúde mental ultrapassa a esfera individual e compreende uma rede de fatores inter-relacionados. Nessa perspectiva, a saúde mental corresponde a um estado de bem-estar que possibilita ao indivíduo desenvolver suas capacidades, enfrentar as adversidades da vida, atuar de forma produtiva e contribuir para a comunidade. Nesse sentido, o bem-estar é influenciado por múltiplos fatores, não se restringindo à dimensão psicológica, mas envolvendo também aspectos biológicos, sociais, culturais e econômicos.

Segundo Silva e Heleno (2012), “o atual conceito de saúde muda o foco do individual para o coletivo”, considerando a vida em sociedade, as vivências, as interações e os desafios enfrentados desde o nascimento. Esses obstáculos vão desde a luta pela sobrevivência até os períodos de enfermidade. Portanto, a forma como lidamos com as adversidades da vida contribui para o nosso grau de saúde e qualidade de vida.

Segundo Simonetti (2004), em sua análise psicanalítica, a posição que o paciente assume frente à sua doença pode influenciar o seu cotidiano durante a hospitalização. Na negação, ele tende a tornar-se angustiado e irritado; na revolta, apresenta elevado nível de estresse e prefere o isolamento; na depressão, caracterizada pela ausência de energia vital, realiza as atividades sem motivação e não encontra prazer em nada. Já no enfrentamento, o indivíduo aprende a desfrutar o prazer das pequenas coisas, vivenciando-as com maior intensidade e experimentando uma serenidade que, à primeira vista, pode parecer contraditória diante de sua condição de pessoa enferma.

Indivíduos enfermos e hospitalizados vivenciam momentos de ausência de referenciais, frequentemente acompanhados por sentimentos de isolamento, abandono e ruptura dos vínculos afetivos, profissionais e sociais. O sofrimento decorrente desse período de hospitalização pode ser minimizado por meio da intervenção psicológica (Coppe et al., 2002).

Costa (2016) explica que, sob a perspectiva do paciente, a possibilidade de ser visto, acolhido e ouvido por um profissional de Psicologia possui grande significado. Dessa forma, recomenda-se que, no contexto hospitalar, os atendimentos psicológicos sejam breves e focais. Ainda assim, o acolhimento especializado desempenha um papel fundamental na minimização do sofrimento de pacientes e de seus familiares.

Como exposto, o psicólogo é um profissional de suma importância nas unidades hospitalares, contribuindo para o processo de tomada de decisões e para as condutas adotadas em relação aos pacientes. Além disso, participa da elaboração de diagnósticos e da aplicação de intervenções terapêuticas, estabelecendo relações de cooperação entre pacientes, familiares e a equipe técnica (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

Neto (2008) lembra que, em 1962, quando a Psicologia foi reconhecida como profissão, a atuação dos psicólogos era restrita aos consultórios, concentrando-se, além disso, nas áreas organizacional e educacional. A ampliação da atuação do psicólogo na saúde pública ocorreu em consonância com a Reforma Psiquiátrica e com a criação do campo da Saúde Mental, representando um importante avanço para a profissão.

São variadas as possibilidades de atuação no campo da Psicologia. Diferentemente de outras áreas, no contexto da Psicologia Hospitalar, o psicólogo atua em estreita parceria com uma equipe multiprofissional, por meio da troca de informações relevantes entre as diferentes áreas da saúde responsáveis pelo acolhimento do paciente. Dessa forma, colabora para que a equipe de saúde passe a perceber e compreender o paciente e seu acompanhante sob uma perspectiva biopsicossocial, o que representa uma contribuição fundamental para a promoção da saúde mental desses indivíduos (Chiattonne, 2011).

Ao abordar a contribuição da Psicologia no contexto hospitalar, com ênfase na promoção da saúde mental, é fundamental reconhecer que a saúde física também constitui um aspecto central do cuidado. A atuação do psicólogo hospitalar não se restringe à dimensão psíquica, mas considera o indivíduo de forma integral, compreendendo a inter-relação entre os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Dessa forma, a avaliação ocorre a partir da integração entre as condições orgânicas e as respostas emocionais e comportamentais do paciente frente ao adoecimento. Nesse sentido, conforme destacado por Simonetti (2004), o psicólogo “perguntará sempre qual a reação psíquica diante dessa realidade orgânica, qual a posição do sujeito diante desse real da doença, e disso fará seu material de trabalho”.

É por meio da atuação do psicólogo que o indivíduo hospitalizado encontra a oportunidade de falar sobre suas dores, o que contribui para a elaboração do sofrimento vivenciado. Nesse sentido, “a presença do Psicólogo na instituição hospitalar tem também o estatuto de testemunhar a dor do paciente” (Kupermann, 2016).

Freitas (2017) destaca a importância do espaço de fala ao afirmar: “Lembrar que o existir humano se realiza como humano na linguagem, a partir de sua incompletude, a partir de sua liberdade para ela. Cada qual a partir de seu modo mais eloquente de linguagem”.

A linguagem ocupa posição central no processo de elaboração da dor, uma vez que possibilita a compreensão do fenômeno vivenciado em sua totalidade. Nesse processo, o indivíduo pode apropriar-se de sua experiência, atribuir novos sentidos à própria existência e libertar-se das amarras que limitam a elaboração de seu sofrimento (Da Silva Jacinto & Salles, 2020).

Portanto, o foco na elaboração do adoecimento, visando minimizar o sofrimento psíquico frente às demandas físicas, é um fato marcante na atuação do psicólogo hospitalar, pois, independentemente da abordagem utilizada, o foco é sempre na elaboração do processo de adoecimento (Simonetti, 2004).

Nesse sentido, Simonetti (2004) destaca que “o psicólogo pode fazer muito pouco em relação à doença em si; este é o trabalho do médico. Mas pode fazer muito no âmbito da relação do paciente com o seu sintoma: esse, sim, é um trabalho do psicólogo”, o que torna sua atuação no contexto hospitalar de suma importância para a saúde

mental do paciente hospitalizado, de seus acompanhantes e até mesmo da equipe multidisciplinar que atua em prol do indivíduo enfermo.

A atuação do psicólogo no contexto hospitalar exige flexibilidade na condução das intervenções, uma vez que as estratégias e os procedimentos devem ser continuamente adaptados aos recursos disponíveis, às características dos pacientes, às suas necessidades e ao contexto assistencial. Além disso, esse profissional deve estar preparado para lidar com questões relacionadas ao processo de morte e morrer, bem como ser capaz de identificar e compreender demandas expressas de forma não verbal. Nesse cenário, competências como empatia, persistência e tolerância à frustração mostram-se indispensáveis tanto para a prática clínica quanto para o trabalho em equipe e para a adaptação à dinâmica e à cultura institucional do ambiente hospitalar (Tonetto & Gomes, 2007).

Profissionais da área da saúde reconhecem a necessidade da atuação do psicólogo nas instituições hospitalares, uma vez que compreendem a existência de processos inconscientes capazes de influenciar as queixas apresentadas pelos pacientes e repercutir diretamente no processo de tratamento (Almeida, 2010).

Ainda conforme explana Almeida (2010), com o passar dos anos, os profissionais da saúde e a sociedade, de modo geral, passaram a reconhecer que a qualidade da saúde mental de indivíduos hospitalizados pode alterar reações e habilidades, interferindo diretamente na tomada de decisões importantes para a vida dos pacientes, como a aceitação do diagnóstico, a adesão ao tratamento e a participação da equipe multiprofissional em seu processo de cuidado.

A Antropologia, ciência dedicada ao estudo do ser humano em sua pluralidade de modos de vida e de pensamento, defende que pensamentos, sentimentos e emoções podem influenciar a evolução das doenças, o que reforça a importância da atuação dos profissionais da Psicologia junto aos pacientes hospitalizados. Esses profissionais compreendem o paciente em sua integralidade, indo além dos sintomas aparentes, aspecto fundamental para a promoção e a manutenção da saúde mental, tanto no contexto hospitalar quanto após a alta (Teixeira, 2017).

3. DISCUSSÃO

Embora esteja amplamente evidenciada a importância da Psicologia no contexto hospitalar para a promoção e manutenção da saúde mental de pacientes hospitalizados, a atuação do psicólogo nesse campo ainda é pouco discutida na literatura científica, considerando a amplitude de possibilidades de investigação e reflexão que o tema apresenta. As demandas que chegam às instituições hospitalares ultrapassam os sintomas físicos e observáveis, uma vez que nem todas as manifestações do sofrimento humano são passíveis de identificação objetiva.

O processo de adoecimento repercute em diferentes dimensões da vida do indivíduo, iniciando-se, muitas vezes, pela alteração de sua rotina e pela necessidade de modificar trajetos relacionados ao trabalho, às atividades cotidianas e às relações sociais em busca de cuidados e orientações especializadas. A entrada em uma instituição hospitalar, por si só, constitui uma experiência desafiadora, capaz de provocar impactos emocionais significativos. Ao vivenciar o processo de hospitalização, o indivíduo passa a ocupar a condição de paciente, frequentemente sendo identificado não apenas por sua história pessoal, mas também pelo setor de internação e pelo número do leito, evidenciando uma possível ruptura temporária com sua identidade cotidiana.

O conceito de saúde passou por importantes transformações, tornando-se inviável compreendê-la sem considerar a dimensão da saúde mental. Trata-se de uma relação indissociável, na qual os aspectos físicos, emocionais e psicológicos se articulam na compreensão integral do indivíduo. Nesse sentido, estudos, artigos e produções científicas têm ampliado as discussões acerca da importância de considerar não apenas as demandas orgânicas dos pacientes hospitalizados, mas também os aspectos subjetivos envolvidos no processo de adoecimento, destacando a relevante contribuição da Psicologia para a promoção da saúde mental. Entretanto, ainda há necessidade de ampliar as pesquisas, o reconhecimento e a valorização da atuação psicológica no contexto hospitalar.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, compreende-se que a atuação do psicólogo no contexto hospitalar representa um elemento fundamental para a efetivação de uma assistência integral ao paciente, considerando que o processo de adoecimento ultrapassa as manifestações orgânicas e envolve aspectos emocionais, sociais e subjetivos. A hospitalização constitui uma experiência potencialmente geradora de sofrimento psíquico, na qual o indivíduo pode vivenciar sentimentos de medo, angústia, insegurança, perda de autonomia e ruptura temporária com sua rotina e vínculos sociais.

Nesse cenário, a Psicologia Hospitalar desempenha um papel essencial ao oferecer um espaço de escuta, acolhimento e elaboração das experiências relacionadas ao adoecimento, possibilitando que o paciente atribua novos significados à sua condição clínica e desenvolva recursos de enfrentamento diante das adversidades vivenciadas.

Assim, evidencia-se que a inserção do psicólogo nas equipes multiprofissionais amplia a compreensão do paciente em sua totalidade, rompendo com uma perspectiva exclusivamente biomédica e fortalecendo o modelo biopsicossocial de cuidado. Embora a Psicologia Hospitalar tenha conquistado avanços significativos ao longo dos

Em Saúde, 2026, v. 7, n. 1.

anos, ainda se faz necessária a ampliação de estudos, investimentos e reconhecimento dessa área de atuação, considerando sua relevância na promoção da qualidade de vida, no cuidado humanizado e na assistência integral aos indivíduos hospitalizados, seus familiares e às próprias equipes de saúde.

Contribuição de autores: Conceitualização – Loana Rodrigues Restofe (L.R.R.). Investigação – Loana Rodrigues Restofe (L.R.R.). Metodologia – Santiago Adorno Naves (S.A.N.) e Rogério Gonçalves (R.G.). Redação original – Loana Rodrigues Restofe (L.R.R.), Santiago Adorno Naves (S.A.N.) e Rogério Gonçalves (R.G.). Revisão – Santiago Adorno Naves (S.A.N.). Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Declaração de conflito de interesse: Os autores declaram não haver conflito de interesse.

REFERENCIAS

- Almeida, R. A. D. (2010). *Possibilidades de utilização da psicoterapia breve em hospital geral*. Revista da SBPH, 13(1), 94–106.
- Alves, E. D. S., & Francisco, A. L. (2009). *Ação psicológica em saúde mental: Uma abordagem psicossocial*. Psicologia: Ciência e Profissão, 29(4), 768–779.
- Angerami-Camon (Org.), *Urgências psicológicas no hospital* (pp. 61–80). Pioneira Thomson Learning.
- Baptista, M. N., & de Villemor-Amaral, A. E. (2019). *Compêndio de avaliação psicológica*. Vozes.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- Castro, E. K. D., & Bornholdt, E. (2004). *Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: Definições e possibilidades de inserção profissional*. Psicologia: Ciência e Profissão, 24(3), 48–57.
- Chiattonne, H. B. C. (2011). *A significação da psicologia no contexto hospitalar*. In V. A. Angerami-Camon (Org.), *Psicologia da saúde: Um novo significado para a prática clínica* (2a ed. rev. e ampl., pp. 145–245). Cengage Learning.
- Conselho Federal de Psicologia. *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) nos serviços hospitalares do SUS*. 1. ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019.
- Coppe, A. A. F., Miranda, E. M. F., & Eunice, M. (2002). *O psicólogo diante da urgência no pronto-socorro*. In V. A.
- Costa, M. F., Costa-Rosa, A. D., & Amaral, C. H. A. D. (2016). *Uma psicologia precavida pela psicanálise: A clínica da urgência na unidade de pronto-socorro*. Revista de Psicologia da UNESP, 15(2), 35–50.
- Da Silva Jacinto, R. L., & Salles, M. A. M. (2020). *A importância da fala no processo terapêutico na abordagem fenomenológica daseinsanalítica*. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, 22(1), 315–328.
- Freitas, D. P. (2017). *A caminho da linguagem na experiência da daseinsanalyse clínica*. Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, (17).
- Kupermann, D. (2016). *Trauma, sofrimento psíquico e cuidado na psicologia hospitalar*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, 19(1), 6–20.
- Porto, G., & Lustosa, M. A. (2010). *Psicologia hospitalar e cuidados paliativos*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, 13(1), 76–93.
- Silva, É. C., & Heleno, M. G. V. (2012). *Qualidade de vida e bem-estar subjetivo de estudantes universitários*. Revista Psicologia e Saúde.
- Simonetti, A. (2004). *Manual de psicologia hospitalar*. Casa do Psicólogo.
- Teixeira, M. Z. (2017). *Antropologia médica vitalista: Uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano*. Revista de Medicina, 96(3), 145–158.
- Tonetto, A. M., & Gomes, W. B. (2007). *Competências e habilidades necessárias à prática psicológica hospitalar*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 59(1), 38–50.
- Vieira, M. C. (2010). *Atuação da psicologia hospitalar na medicina de urgência e emergência*. Revista Brasileira de Clínica Médica, 8(6), 513–519.